

Máscaras religiosas ou máscaras teatrais? A arte da Folia de Reis de Matozinhos (MG).

Rogério Lopes da Silva Paulino (bolsistas FAPESP)

UNICAMP

Palavras-chave: máscaras, folia de Reis, ritual.

Em minha pesquisa de doutorado procuro formas de perceber e conceituar as máscaras da Folia de Reis, uma manifestação do catolicismo popular brasileiro em louvor aos Santos Reis, com o objetivo de verificar quais seriam as possibilidades de utilizar estas máscaras no trabalho com atores. Neste artigo pretendo abordar questões específicas advindas da natureza religiosas das máscaras estudadas.

Tais como outras manifestações religiosas populares, a Folia de Reis é vivenciada de forma festiva, em que arte, religião e vida social se misturam, proporcionando uma verdadeira experiência estética. Segundo Émile Durkheim (1996:416) “a arte não é simplesmente um ornamento exterior com que o culto dissimularia o que pode ter de demasiado rude: por si mesmo, o culto tem algo de estético”. Mas autores como Mário de Andrade, defensor fervoroso da cultura popular, acreditava que “a arte primitiva popular” não era exclusivamente artística, pois era sempre feita visando um fim específico, muitas vezes religioso, como se isso reduzisse o seu valor enquanto manifestação estética. Ele reconhecia a existência de uma arte nacional feita na inconsciência do povo, mas achava que “o artista deveria dar pros elementos já existentes uma transposição erudita que faça da música popular, música artística, isto é: imediatamente desinteressada”(Andrade, 1962:16). O curioso é perceber que quase 50 anos se passaram depois que Mario de Andrade fez esta afirmação e, por vezes, as manifestações populares são tomadas como de menor valor artístico, a partir de argumentos muito parecidos. Assim, por mais que pesquise maneiras das máscaras das folias serem utilizadas por atores, optei por fazê-lo buscando primeiro reconhecer e definir as qualidades artísticas intrínsecas a elas.

Para Lévi-Strauss é inconcebível a distinção entre arte e cultura popular, independente de uma determinada manifestação estar ou não ligada à religião. Segundo ele “temos a tendência a acreditar que a arte popular elabora-se no inconsciente coletivo mais profundo, e que as formas sob as quais se manifesta remontam a um passado muito longínquo. É verdade em alguns casos, mas nem sempre” (CHARBONNIER,1989:95). Ele relata que mesmo nas sociedades chamadas primitivas há uma certa individualização da produção artística, com casos em que alguns membros da comunidade são reconhecidos por longas distâncias, devido a alguma habilidade artística. É possível, inclusive, diferenciar entre estilos de artistas diferentes. Foi o que pude perceber durante o trabalho de campo, ocasião em que conheci foliões que se revelaram excelentes artistas. Numa Folia não há uma especialização de funções muito rígida, todos os integrantes devem estar habilitados a tocar, cantar, fazer versos e “fardar”, ou seja, usar as máscaras. Certos foliões como seu Dulcino Gasparelo, de Muqui (ES), se destacam por sua virtuosidade no desempenho artístico. Responsável pela continuação e transmissão do conhecimento de sua Folia, mantida por gerações em sua família, é

um exímio palhaço, violeiro e poeta. Mestre Bejo da folia de Matozinhos (MG) é outro grande conhecedor das artes que compõem a performance das folias de Reis, tornando-se juntamente com os outros integrantes de sua folia, muitos deles seus filhos, referência para a elaboração desse artigo.

Ainda de acordo com Lévi-Strauss (CHARBONNIER, 1989:94), o que as sociedades tradicionais não teriam, ou teriam apenas excepcionalmente, é a relação que está na base de nossa concepção moderna de atividade artística, a relação entre o criador, de um lado, e o espectador do outro. Já para Clifford Geertz (2001: 146) o problema é que os povos de culturas tradicionais não falam de arte da forma como a maioria dos estudiosos gostaria que eles falassem, “ou seja, em termos de suas propriedades formais, de seu conteúdo simbólico, de seus valores afetivos, e de seus elementos estilísticos”. Assim, um folião não fala em “termos artísticos” certamente porque não foi apresentado a esta terminologia. No entanto, diversos aspectos inerentes à prática da Folia de Reis demonstram que eles possuem preocupações estéticas equivalentes. A eficácia de um ritual, por exemplo, depende em grande medida da eficácia estética dos signos sagrados, por isso os devotos têm o maior cuidado com a confecção dos objetos ou com a afinação da música.

Ora, se há tanto apreço e cuidado na elaboração de cada gesto e objeto ritual, não é difícil imaginar que os devotos tenham critérios para avaliar a qualidade daquilo que está sendo produzido, mesmo que utilizem termos diferentes dos que estamos acostumados. Como numa ocasião em que me encontrava muito cansado, depois de horas acompanhando a folia de Matozinhos, e perguntei a seu Bejo como os mascarados conseguiam se manter por tanto tempo em ação, às vezes mais de doze horas sem tirar a farda. Ele me respondeu fazendo um paralelo com o fato de que, segundo ele, do mesmo modo que um motorista do carro se cansa menos que o passageiro numa longa viagem, por ter que se manter atento na direção, também o mascarado se cansa menos que os foliões que não estão fardados, pois a farda lhe exige que estejam sempre em movimento com o “corpo quente”, não deixando brecha para que o cansaço se instale, como acontecia comigo que estava apenas acompanhando o grupo.

Nas jornadas das Folias, principalmente nas madrugadas, quando todos já estão mais cansados, é muito comum ouvir os integrantes da Folia comentando com seus parceiros sobre possíveis imperfeições na performance de seus companheiros. Apesar de girar a qualquer hora do dia ou da noite, a madrugada é o momento por excelência das folias. Para os foliões é o mais difícil e custoso, mas ao mesmo tempo o mais bonito e saudoso. Parece paradoxal, mas é na madrugada em meio a todo o sacrifício para se manter a jornada que surgem os momentos mais lindos e poéticos. Quando os corpos de todos os foliões que estão visivelmente desgastados conseguem forças de algum lugar para se reanimar e seguir viagem, até o romper da aurora. Foi numa dessas ocasiões que seu Bejo me alertou, “agora que tá bom de filmar. De manhãzinha que a folia fica melhor. Quanto mais cansada, melhor ela canta”. Tanto é verdade que este é um dos momentos que mais vi os foliões lançando mão de seus celulares e ipods para registrar a folia.

Assim, para se começar a compreender a arte das folias de Reis é necessário, no mínimo, acompanhá-las em toda a sua extensão espetacular, ou seja, do raiar de um dia ao romper da aurora

do outro, pois o estado de cansaço em que os corpos se encontram, inclusive o corpo do pesquisador, é fundamental para proporcionar mudanças de perspectivas sobre a performance que se desenvolve a nossa frente. Parte deste texto foi escrita no caderno de campo poucos minutos antes do sol começar a talhar o céu em meio à sensação emocionante que toma todos os presentes, por perceber que a folia conseguiu romper mais aquela jornada. Momento em que sou interrompido por um folião para aprender mais uma lição, “jogar um bocado de sal com açúcar na boca pela manhã, faz bem pra continuar agüentando a jornada do dia que ta chegando”.

Trata-se de uma espécie de teatro popular em que arte, religião, vida social e meio ambiente se imbricam, distinguindo-se, portanto, das formas de teatro as quais estamos acostumados a assistir, fazer ou ensinar nas escolas. Afinal, que ator ficaria uma noite inteira e madrugada adentro em cena? Como fazem os integrantes da Folia de seu Bejo, exibindo máscaras que não adormecem por horas a fio, já que uma jornada pode ter duração superior a 36 horas, como algumas que acompanhei. Durante “a função”, um folião ou outro pode até ser flagrado dormindo pelos cantos das casas, bancos de praças ou mesmo no meio fio; mas as máscaras sempre estarão lá, vivas. Fazendo “tremar o chão” e “quebrando o piso das casas”, como costumam afirmar os foliões.

De maneira geral, a responsabilidade pela motivação dos foliões costuma ser atribuída à sua fé nos Santos Reis; no entanto, a resposta mais comum que eles me deram quando pergunto se estão cansados é: “cansa, mas dá prazer”. Ou seja, aparece aqui uma dimensão que normalmente é pouco valorizada na experiência da fé, o prazer. Segundo um outro folião, quando ele veste uma farda, “dá um negócio”, que ele tem tanto prazer em dançar diante do dono da casa, que não conseguiria nunca fazer nada mal feito, mesmo que já estivesse muito cansado. Por isso, Justificar o esforço dos foliões para cumprir cada jornada apenas através da devoção está, no mínimo, incompleto. Se associarmos ainda a afirmação de outro folião de que “a folia é alegria de levar alegria à casa das pessoas”, podemos pensar que a devoção é uma mola propulsora que faz iniciar um espetáculo que é mantido pelo prazer que provoca em seus participantes, sejam eles jovens, adultos ou velhos, que com o pretexto de anunciar a boa nova do nascimento do messias, saciam sua necessidade de expressão. Assim, apesar de reconhecer a distinção entre folia e teatro ou arte e religião, procuro pensar como os foliões, que as abordam de forma indistinta na maioria das vezes. A cada novo lundu, dobrado, chula ou maxixe que é dançado é um renascimento que se anuncia de um corpo que rompe todas as limitações físicas através das máscaras e reluz como a estrela da guia diante dos donos da casa em louvor aos Santos Reis.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. **Ensaio sobre a música brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1962.

CHARBONNIER, Georges. **Arte, linguagem e etnologia**: entrevista com Claude Lévi-Strauss. Campinas: Papyrus, 1989.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2001.